

# O ÚLTIMO CIGARRO



Henri-Pierre Jeudy

# O ÚLTIMO CIGARRO

Tradução  
Maria Galera



*Editora Sulina*

© Henri-Pierre Jeudy – publicado na França pela Max Milo Éditions, 2005  
Título original: Addiction  
© Henri-Pierre Jeudy  
© Editora Meridional/Sulina, 2007

Capa  
*Letícia Lampert*

Projeto gráfico e editoração  
*Daniel Ferreira da Silva - Observatório Gráfico*

Revisão  
*Patrícia Aragão*

Editor  
*Luis Gomes*

---

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO ( CIP )  
BIBLIOTECÁRIA RESPONSÁVEL: DENISE MARI DE ANDRADE SOUZA CRB 10/960

---

J58u Jeudy, Henri-Pierre  
Último cigarro / Henri-Pierre Jeudy; trad. Maria Galera. —  
Porto Alegre : Sulina, 2007.  
78 p.

Tradução de: Addiction  
ISBN: 978-85-205-0460-4

1. Literatura francesa – Ensaios. I. Título

CDD: 840  
CDU: 840-4

---

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101  
Cep: 90035-190 Porto Alegre-RS  
Tel: (0xx51) 3311-4082  
Fax:(0xx51) 3264-4194  
www.editorasulina.com.br  
e-mail: sulina@editorasulina.com.br

{Março/2007}

# I

Todas as vezes que eu passava uma temporada no campo, acreditava reunir as condições ideais para deixar de fumar. Seria necessário um ritmo de vida diferente, mais próximo da natureza. Eu me dizia que no momento em que a vontade de acender um cigarro me tomasse, poderia caminhar na floresta ou à beira do rio para esquecê-la. Estava tão habituado a fumar quando voltava de um passeio de bicicleta e tomava um copo de vinho branco, que a própria idéia de me recusar este prazer parecia ridícula. Eu sabia muito bem a quantidade de cigarros que consumia por dia e encontrava sempre um meio de considerar que eu estava dentro da média. É verdade que não fumava como uma chaminé, contentava-me em comprar um maço a cada dois dias. Acontecia, às vezes, de ultrapassar a dose que eu me havia prescrito, mas, no dia seguinte, restabelecia a média por mim

imposta, dobrando a atenção. Eu havia compreendido que quanto mais me vigiava, mais regularmente contava os cigarros que tirava do maço, menos me preparava para parar de fumar. Quando comprei chicletes de nicotina, li na bula que o primeiro cigarro, aquele que se fuma de manhã, depois do café, é o indício mais determinante da dependência. Mas logo aquele cigarro, como eu poderia abrir mão dele?

Hoje me levantei decidido a não fumar depois do café, como venho fazendo há uns trinta anos. Se a vontade for muito grande, posso voltar a deitar. Na cama, eu nunca fumei. Ontem, disse para mim mesmo que era o último. Eu não quis imaginar que seria o fim, que eu não fumaria mais até a minha morte. Preferi pensar que se eu parasse agora, teria a possibilidade de fumar de vez em quando. É necessário passar pela prova de uma parada inteira, mas não definitiva. A própria idéia de que um hábito prazeroso seja suprimido da minha vida me parece insustentável. Dá a impressão de afastar qualquer possibilidade de redescobrir um prazer perdido. Estou aqui, perto da mesa, sei que o maço não está longe, devo resistir.

Alguns ousam me dizer que não tenho força de vontade. É verdade que eu detesto a vontade quando ela é tomada como um valor moral. Em nome de que esta vontade deveria se voltar contra mim? Que sentido eu

poderia hoje atribuir à sobrevivência? As ameaças capazes de precipitar a hora de nossa morte permanecem incontáveis. Nada me garante que viverei mais se não abusar da nicotina, se não deixar a língua e a garganta submersas em nuvens de fumaça carregadas de alcatrão ou de sabe-se lá qual outra substância tóxica. Não posso dizer que um cigarro a menos é uma hora a mais. Se eu aplicasse o mesmo raciocínio a todas as coisas que consumo, ao ar que respiro, não seria mais capaz de apreciar a vida. Ainda mais, seria necessário saber a hora inicialmente prevista da minha morte para saber se de fato eu teria ganhado um tempo suplementar de existência.

Não me iludo a respeito das minhas fantasias, sei o quanto me agrada brincar de fumar o último cigarro. Você se prepara para fumá-lo, diz que chegou o fim, que não voltará a repetir o gesto que está fazendo no momento, que guardará apenas uma memória desse gesto. Já havia notado como os ex-fumantes procuram, às vezes, no bolso, um maço que já não está lá há anos, como eles aproximam o indicador do seu lábio mais carnudo. O reflexo resiste. Você pensa no cigarro que o condenado à morte fuma com supremo deleite antes da execução, imagina-o lançando baforadas de fumaça na manhãzinha, naquele momento final em que o último gesto condensa toda a potência da vida. Emociona-se, é o mais belo momento,

você deseja que ele se reproduza, deixa de fumar por alguns dias, retorna ao primeiro cigarro, consome outros durante várias semanas e, novamente, prepara-se para parar, reencontrando, então, esta circunstância fascinante, a do último cigarro.

É impressionante como, segundo os métodos para parar de fumar, o último cigarro deve ser consumido com o maior nojo possível. Para saborear a alegria de ser enfim livre de toda a dependência, é aconselhável pensar bem, durante as últimas tragadas, em todos os venenos absorvidos desde que você começou a fumar. Prescreve-se, até mesmo, considerar como é magnífica a idéia de nunca mais na vida voltar a repetir esse gesto que você considerou durante tanto tempo um sinal inevitável de sedução. É preciso estar persuadido de que o último cigarro é a essência pura do horror que você viveu como fumante. É necessário que ele cheire mal, que não seja mais objeto de tentação, a menos que você tenha, como muita gente, uma atração particular pelo que deveria lhe causar repulsa. Michelet, o célebre historiador, aspirava urina para poder escrever.

No dia seguinte, adotei outra tática. Antes de me levantar, enquanto permaneci acordado, sonhando com o que viria a fazer ao longo do dia, pensei que o cigarro que eu havia fumado antes de dormir poderia vir a ser o



último. Seria suficiente considerá-lo de uma vez por todas como tal. Sem ter ainda o gosto do tabaco na boca, eu deveria aproveitar essa purificação que a noite acabava de me proporcionar. Seria mais cômodo proceder desta forma do que esperar a metade do dia para decidir parar. Suponho que jamais alguém fumou seu último cigarro depois do almoço. É impossível imaginar que uma decisão como essa seja tomada em qualquer outro momento que não seja à noite. No entanto, eu tentei tomá-la depois de ter fumado o cigarro do café-da-manhã.

São sete horas, aproximo-me da janela, olho para fora e considero que talvez seja mais fácil do que eu imagine. Duas horas mais tarde, a vontade permanece tenaz. Eu resisto, caminho da janela à porta, da porta à janela, respiro fundo, bebo três ou quatro copos de água, faço exercícios, sinto que a vontade se atenua – pelo menos, eu acredito. Ao sentar-me novamente no meu escritório, consigo trabalhar por uma hora e, então, bruscamente, volto à cozinha para me certificar de que o maço de cigarro que eu guardei por precaução continua lá. É evidente que se não estivesse, eu teria saído para comprar outro.

Eu sei, como todo fumante que deseja acabar com o seu consumo abusivo de cigarro, que é necessário separar a dependência do prazer. Trata-se de um desafio filosófico.

Como eu poderia imaginar que o que eu acredito ser um prazer não o é de fato? Os que tentam fumar de forma episódica procuram, me parece, circunscrever o prazer para isolá-lo da obsessão, para conservar o seu valor excepcional. Quando ficamos algumas horas sem fumar, constatamos como o cigarro que acabamos de acender nos inebria, como nos faz quase perder o equilíbrio, se estamos de pé, provocando o efeito de uma droga que descobrimos com a terrível sensação da perturbação que nos dá novamente a irresistível vontade de continuar a fumar.

Como se convencer do fato evidente de que o prazer não é ligado ao hábito? O grande fumante está sujeito à sua própria dependência: ele não pode mais conhecer o prazer, tem um comportamento semelhante ao de uma máquina a vapor. Se ele não tem a sua dose cotidiana, fica enlouquecido e não serve para mais nada. A única solução, para ele, é abandonar semelhante determinação que o faz tão infeliz. Os ex-fumantes louvam a liberdade reencontrada como se vivessem uma outra vida depois que deixaram de fumar, como se pudessem, enfim, encher os pulmões. Exibem uma alegria que gostam de tornar desejável aos olhos dos que continuam subservientes à terrível necessidade de procurar uma tabacaria a qualquer hora da noite.

Quando não fumo, tenho a impressão de estar mergulhado em um estranho estado de inércia, não consigo

mais associar as idéias, minha memória se desagrega, não vejo mais nitidamente o que me cerca, não presto nenhuma atenção ao que me dizem, não sei mais o que pensar sobre o que quer que seja. Seria necessário pensar que, estando de pé, estou ainda deitado e que aceito a confusão mental como uma fonte particular de reflexão. Uma vez que, deitado, não tenho necessidade de fumar, seria necessário viver de pé como se eu estivesse deitado na cama. Seria necessário que o meu ponto de vista sobre o mundo permanecesse o maior tempo possível horizontal. O que mais me desagrada é que se me abstenho de fumar, não tenho mais idéias, como se do consumo regular de nicotina viesse o ritmo cadenciado do pensamento. Permaneço sentado próximo à escrivaninha, na expectativa de uma reflexão que surgirá a qualquer instante, e sinto-me esvaziado da própria intenção de refletir. O primeiro cigarro me tira desta horrível situação. Ele é um verdadeiro alívio.

No mundo das empresas, são cada vez mais raras as pessoas que fumam no trabalho. A autorização para fazê-lo em uma sala reservada para esta função minimiza os efeitos nocivos do tabagismo e faz o fumante pensar que ele ainda pode ter um momento de paz atendendo à sua vontade como satisfaria uma necessidade urgente. Trabalhando em casa, esforço-me, no entanto, para aplicar o mesmo regulamento. De hora em hora, saio do escritório

para ir fumar no quarto ao lado. Acender um cigarro no meu local de trabalho está fora de questão. O tempo de fumá-lo é o tempo de uma descontração. Acredito até que, enquanto estou fumando, meus neurônios reencontram uma intensidade de ação que estavam a ponto de perder.

Como tantos outros fumantes, pensei várias vezes que, se eu deixasse de consumir cigarros, poderia fumar um charuto, um verdadeiro charuto uma vez por semana. Costuma-se dizer que o charuto oferece um prazer que nos liberta da condição de dependente. Mesmo que esta independência do prazer pareça uma ficção, pressupõe certas regras de comportamento. O tempo de fumar um charuto não se compara com o do consumo rápido do cigarro, pois é um tempo mais próximo do momento consagrado ao primeiro ou ao último cigarro. Os fumantes de charuto parecem viver uma ausência discreta mesmo quando fumam em presença de outras pessoas. Cria-se lentamente uma união entre eles e o objeto cobiçado até o ponto em que um e outro não parecem senão exalar baforadas de fumaça cujo aroma deveria produzir o encantamento do ambiente. O júbilo do fumante de charuto é menos ostentatório do que parece, ele pode ser lido no seu rosto quando os olhos regozijam no instante em que a fumaça perfumada, depois de ficar na boca sem nunca descer aos pulmões, escapa pouco a pouco como

se a sua expulsão não demandasse nenhum esforço. Nenhum sinal de angústia ou de nervosismo transparece, a serenidade se manifesta no corpo com uma suavidade que o mundo é incapaz de lhe oferecer. A questão existencial, fumar ou não fumar, não tem mais nenhuma razão para ser formulada, ela é subtraída como uma ultrajante incapacidade imposta pelo despropósito de uma concepção excessivamente parcimoniosa da saúde.

Isolar o tempo de fumar, tomá-lo como um tempo que poderia parecer fora do tempo. Retirar-se do fumódromo. Fazer desse tempo o tempo da cerimônia. Esta seria a alternativa à repetição tão obsessiva que termina por abolir a felicidade do momento no qual a angústia não tem mais lugar.